

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>ÉTICA, POLÍTICA E O FANTASMA DO TOTALITARISMO.</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Rodrigo Luiz Cunha Gonsalves</b>	Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia	CEII	Coordenador
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O presente texto tem como seu objetivo central apresentar algumas das inquietações e problematizações que se presentificam no desafio de pensar o caráter institucional dentro da esquerda dos nossos tempos. Esta construção será desenvolvida não apenas sob a roupagem teórica crítica da ideologia e por articulações advindas da psicanálise, mas também, trata-se de um recorte erigido de articulação e discussões iniciadas da experiência do Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia (CEII) e seus desenvolvimentos de pesquisa no tema. O desenvolvimento do presente artigo tem como seu objetivo específico articular noções oriundas da psicanálise como o de "ética e ato" em sua concepção lacaniana, somado à pesquisa de autores marxistas contemporâneos que discorrem sobre conjunções e disjunções no campo da ética e do político, buscando iluminar os conhecidos fantasmas que assombram a história da construção política da esquerda e visando assim, a importância da revitalização de novos aportes nestas discussões.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
"Ética"; "Ideologia"; "Žižek"			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>This paper has as its central objective to present some of the concerns and problems found that it present the challenge of thinking about institutional character in the left of our times. This construction will be developed not only in the theoretical critique garb of ideology and joints arising from psychoanalysis, but also, it is a cut erected articulation and discussions initiated the experience of the Study Circle Idea and Ideology (CSII) and Your search developments in the subject. The development of this article has as its specific purpose to articulate notions derived from the psychoanalysis as the "ethics and act" in his Lacanian conception, added to research contemporary Marxist writers who talk about conjunctions and disjunctions in ethics and political, seeking illuminate the known ghosts that haunt the history of politics left construction and aiming thus the importance of revitalizing new contributions in these discussions.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
"Ethics"; "Ideology"; "Žižek"			
EIXO TEMÁTICO			

O presente texto tem como seu objetivo central apresentar algumas das inquietações e problematizações que se apresentam no desafio de pensar o caráter daquilo que é institucional dentro da esquerda na contemporaneidade. Para pensarmos a dimensão desta inquietação, o presente texto se valerá das lentes teóricas da crítica da ideologia, articulada às noções oriundas da psicanálise e de autores marxistas contemporâneos que discorrem sobre conjunções e disjunções daquilo que tange o campo da ética e do político, problematizando os já conhecidos fantasmas que assombram a história da construção política da esquerda. Para tal articulação, este trabalho se valerá também da experiências propiciadas e enaltecidas nas construções do Círculo de Estudos da Idéia e da Ideologia (CEII).

Antes de mais nada, se mostra crucial realizar uma breve introdução do CEII e também, apresentar um pouco sobre o andamento deste projeto para situar a sua relevância dentro do que se mostra como o objetivo deste artigo em termos da problematização do institucional. O CEII tem como uma de suas marcas constitutivas a sua premissa fundamental de que: “existe partido político para além da função eleitoral”, investigando desta forma a distinção entre o voto simples e o voto investigativo e também, postulando o seguinte: “...constatamos que o objetivo do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia compreende dois momentos: num primeiro tempo, nos orientamos pelo estudo desses pensadores, ganhando intimidade com seus diferentes projetos filosóficos e os problemas que esses nos permitem discernir. Em seguida, uma vez que o estudo disciplinado nos defronta com questões concretas de poder e organização, usamos nossas elaborações conceituais para formalizar e intervir sobre os obstáculos que se interpõem a nossa prática institucional, testando de maneira local os preceitos de uma nova orientação militante”.

Não por menos, grande parte dos mecanismos construídos pelo CEII e que, de alguma maneira, permitem sua própria inscrição no mundo, acabam trabalhando na intersecção de enlaces que hoje são pertinentes e encontram-se com o diagnóstico de tantos autores do campo das ciências políticas, da filosofia, da psicanálise e no cenário crítico da ideologia. Tomo como exemplo, questões que apontam para: Quem são ou seriam os agentes políticos do presente? O que é a esquerda dos nossos tempos? Bem como, indagações acerca da relevância do resgate da problematização filosófica acerca do que é o comunismo? Questionamentos acerca da possibilidade de uma construção institucional que não repetisse modos de controle... dentre tantas outras colocações, que hoje permeiam este campo. Sendo assim, o presente trabalho tomará enquanto ponto de partida, não apenas a centralidade da temática e toda a sua relevância, mas também, considerando-a de maneira pertinente

dentro das práticas dentro do CEII hoje, consolidadas através de algumas curiosas intervenções coletivas e enquanto fruto de muitas das investigações produzidas até o presente momento.

## **I. Problematizações do campo da Ética:**

Não como uma justaposição sobre o tempo, como um aglomerado de coisas que acontecem juntamente, a relevância da importância da noção daquilo que é ético, toca sempre a base do campo daquilo do que é dividido, daquilo que diz do campo do compartilhado e das muitas noções e desentendimentos, especialmente na comunidade filosófica e especialmente, da comunidade científica em geral, que por vezes abertamente ou por outra vez, de maneira velada, acabam disputando o seu interesse ou o seu posicionamento ideológico e o tem feito na tessitura da construção social, desde o início da construção social.

Alguém poderia resgatar e conseqüentemente, derivar dedutivamente que as questões mais fundamentais e presentes na base fundamental das raízes filosóficas, por exemplo, a disputa de Platão (PLATÃO, 1987) ou aquilo que está em jogo na noção do Um, na batalha com o sofista em nome dos enganos e aquilo que está na implicação das amarrações da identidade e do social, em nome daquilo que se pode dizer da verdade. Essa paixão pela verdade, seu atravessamento pelo mergulho fundamental na identidade e suas implicações, guiaram e posicionaram a construção do pensar – bem como seus limites e possibilidades – algo que parece intuitivo, que parece para alguns óbvio, para outros desnecessário, mas são ainda formulações que nos instigam hoje, porém ainda sob grande parte sob não muitas transformações quanto alguém poderia pensar neste ponto. Especialmente, se tomarmos o aspecto fundamental de que esta questão está implicada em uma relação extremamente peculiar no que tange a construção humana, onde aquilo que é próprio do sujeito é simultaneamente banhado, mergulhado ou até mesmo, afundado, pelo o que é do social em relação a este sujeito.

Um breve passeio pela história da noção desta construção, melhor dizendo, a construção que tange aquilo que é do campo da ética propriamente dito e especialmente, enquanto um problema propriamente filosófico, que dirá de sua importância em sua própria roupagem daquilo que é do campo Ético e aquilo que, obrigatoriamente, traduzirá grande parte das dificuldades das construções daquilo que implica desde Platão até as derivações críticas do “clamor de ser”, que Badiou critica em Deleuze (BADIOU, 1990).

Mais do que apresentar a dificuldade na perspectiva daquilo que implica em afirmar a noção de ontologia, após a ferida narcísica Freudiana na Razão (Žižek, 2012) e todas as suas implicações

para o entendimento humano e todas as construções humanas sobre a mesma narrativa; o ponto que para além desta dificuldade, também vem à nos problematizar os meus procedimentos e critérios, temos aquilo que implica a própria questão do critério, da construção daquilo que se afirma existir, daquilo que se afirma enquanto não-existente, daquilo que não é consistente e poder conceitualmente, afirmar aquilo que é. O ponto complexo que se herda da tradição filosófica e da implicação da lógica formal aristotélica (ARISTÓTELES, 1987), que de certo modo, advém justamente da implicação ou melhor dizendo, do esforço com que Aristóteles se vê implicado ao tentar afugentar aquilo que é da ordem do não-existente platônico, frente à possibilidade do campo das coisas que se podem ser ditas.

O que neste momento pode ressoar para alguns como mera discussão filosófica ou para outros ser tomado enquanto um problema menor, é algo extremamente enganoso, pois nesta raiz do pensamento humano, podemos justamente localizar aquilo que tange ou daquilo que diz do próprio material que constitui aquilo que é social no que se diz, enquanto o que é próprio da “realidade” humana. E não por menos, vemos hoje a enorme dificuldade de ainda se apresentar ou de navegar tranquilamente sob as mesmas coordenadas daquilo que diz da constituição do campo propriamente “humano”, diante das dificuldade daquilo que é do campo das “representações” e das tantas implicações, que são carregadas nos paradoxos de ser e não-ser enquanto sujeitos barrados e imersos na linguagem (LACAN, 2004) e finalmente, como reconciliar o grau complexo desta mesma relação que se estabelece entre um sujeito e a realidade propriamente dita, neste campo que também, aponta para aquilo do que é dividido.

Com um pouco mais de atenção, podemos localizar a correlação que aqui se mostra entre os problemas daquilo que implica para um sujeito que divide o campo da “realidade” com outros, dentro das implicações específicas daquilo que se pode logicamente se dizer *versus* aquilo que não se pode se dizer e por sua vez, implicou no processo da história e do entendimento humano, mas que finalmente encontrando suas próprias conseqüências na formulação de noções, dos direcionamentos e dos limites das própria razão. Não por menos, Kant (2004) traz o problema dos limites da razão e em especial, diante do seu uso privado e seu uso público, mas ainda como esta mesma orientação ou busca, enquanto objetivo para o entendimento da razão humana. Finalmente, o que está sendo trazido nesta apropriação diz do problema, que apenas na noção dialética de Hegel (2006), finalmente, terá seu estatuto propriamente tomado ou tomado propriamente, diante daquilo que implica o campo daquilo que tange o “existente” e do “não-existente”, extravasando assim as próprias noções daquilo que se pode ser dito, formulado e conseqüentemente, conhecido.

Embora o caminho tomado aqui, não seja um caminho habitual ou automaticamente intuitivo para abordar o problema da Ética, o ponto é conseguir finalmente implicar que as construções pelas quais

a relação estabelecida pela história do conhecimento, também recaem em implicações acerca da relação entre o sujeito e o social, sendo assim, fundamentalmente recairão na relação estabelecida entre saber-verdade-real no sentido badiuiano (2013), conseqüentemente nas implicações de seu enquadre crítico, bem como na amarração radical que esta mesma construção implicada no que tange a implicação ética diante da constituição humana.

Tal apropriação diz de uma implicação extremamente particular do modo de compreender o problema do conhecer, para além das pré-concepções que o aprisionamento da lógica formal tende a empreender e suas conseqüências são severas e extremamente críticas, especialmente diante do campo Ético, onde o que pode ser justamente da área do que há de mais humano, sendo então dirigido pelo próprio procedimento-verdade e assim, ver o estremecer das próprias barreiras da realidade em nome de algo, propriamente, novo. Este predicativo é justamente o componente faltante que apontará para além dos limites da lógica clássica, que convidará a leitura do problema do social e do Ético dentro de uma nova roupagem para o problema da ideologia e assim, obrigando que as fronteiras da realidade se expandam para lhe fazer ouvir e assim, tomá-las seriamente, dignamente e legitimamente.

## **II. Esquerda, Ética e Psicanálise:**

Inicialmente, ciente de que a responsabilidade de problematizar a esquerda nos tempos presentes tem sido a vertente de inúmeros autores este artigo, toma esta noção enquanto uma escolha, anunciando desta maneira a interpretação e a leitura de indagar a esquerda enquanto uma possibilidade sob a visão crítica de autores que partem do problema da retomada do marxismo e de articulações não desavisadas da psicanálise. O recorte que será feito, tem como base alguns efeitos curiosos que o trabalho investigativo da militância tem hoje gerado diante das experiências localizadas pelo coletivo. O que inspirou o desenvolvimento específico desta pesquisa foi a curiosidade permitida diante posicionamentos que são trazidos para discussão por participantes do CEII, diante da estranheza que há ou que se gera, quando alguns temas chegam a ventilar a superfície de uma possibilidade diferente de coletividade que implique o indivíduo com alguns aspectos que por vezes, são completamente abnegados de sua prática “habitual” de coletividade. Sempre que se ouvem temas como construção de práticas, de instrumentos de caráter administrativo, de disciplinas ou até mesmo de um regime de práticas diante da conjuntura do pensar coletividade, (mesmo que sob novas

perspectivas ou roupagens), é inegável perceber o ressoar completamente aversivo que isto pode causar.

Entretanto, não se trata aqui de uma extrapolação indevida, pelo contrário – quando militantes, quando pensadores, quando pesquisadores, entre outros participantes do que hoje constitui o nosso cenário ideológico de esquerda apresentam tais reações e estas manifestações diante de possibilidades, mesmo que em condições controladas, de uma espécie de empoderamento das condições daquilo pelo qual você mesmo se propõe fazer – o que passa a se demonstrar, de curiosamente, com todos os traços daquilo que é da ordem do sintomático (Žižek, 2009) – podemos sim assumir, que há algo mais profundo em jogo nesta cena. E que este questionamento, é o ponto central de nossa investigação: de onde podemos assumir que o temor tem sua razão de ser? O que está em jogo quando perspectivas desta ordem são investigadas?

São inúmeros os posicionamentos que se erigem desde a lição adorniana de que “Auschwitz nunca se repita” (Adorno, 1995) e dos demais companheiros de viagem que consagraram a Escola de Frankfurt, posicionando-se firmemente em seus textos na denúncia clara contra a ascensão do nazismo, porém até mesmos estes autores, como nos denuncia Žižek (2013) vendaram seus olhos diante de outras situações de dominação que curiosamente aconteciam à sua volta. E esta denúncia não pode ser passada em branco. Uma vez que não se trata de uma espécie de saudosismo sartriano, uma implicação existencial diante do que está sendo postulado, mas justamente para evitar que um fantasma continue seguindo a crescer, continue assombrando e de certo modo, trazendo algo como uma espécie de vergonha que gera este percalço na história – a preocupação é a implicação com que se fazer com isto, para operar diante da possibilidade de uma esquerda sem futuro (Clark, 2013) ou então, que não seja ingênua ou desavisada de seus próprios fantasmas. Tomando também um segundo ponto diante disto, que de certa maneira, constrange duplamente, uma vez que o próprio Marx aproxima em suas cartas à Ruge a importância justamente da vergonha:

“Não deixa de ser uma revelação, ainda que ao inverso. Trata-se de uma verdade que nos ensina, ao menos, a reconhecer a vacuidade de nosso patriotismo, a degeneração do nosso sistema estatal, e a cobrir nosso rosto de vergonha. O Sr. Me olha com um meio sorriso nos lábios e pergunta: “E o que se ganha com isso? Vergonha não leva a nenhuma revolução”. Eu respondo: a vergonha já é uma revolução; ela de fato é a vitória da Revolução Francesa sobre o patriotismo alemão, pelo qual ela foi derrotada em 1813. Vergonha é um tipo de ira voltada para dentro. E se toda uma nação realmente tivesse vergonha, ela seria como um leão que se encolhe para dar o bote. Admito que nem a vergonha existe ainda na Alemanha; ao contrário, esses miseráveis ainda são patriotas. Mas que sistema conseguiria expulsar deles esse

patriotismo, a não ser esse sistema ridículo do novo cavaleiro? A comédia do despotismo que está sendo encenada conosco é tão perigosa para ela quanto no passado a tragédia para Stuarts e Bourbons. E mesmo que por um bom tempo não se tomasse a comédia pelo que ela de fato é, ainda assim, ela já seria uma revolução. O Estado é coisa séria demais para ser transformado numa arlequinada. Talvez até se possa deixar um navio cheio de loucos derivar por um bom tempo ao sabor do vento, mas ele acabaria indo ao encontro de seu destino, justamente por que os loucos não acreditariam nisso. Esse destino é a revolução que ainda está por acontecer” (MARX, p. 64, 2010).

Bem, se considerarmos a construção de Losurdo (2004), podemos nitidamente perceber que a dificuldade da implicação da autocrítica radicalmente, em acertar as contas com a própria história gera sem sombra de dúvidas, um problema diante dos pressupostos da reconstrução da identidade comunista. Talvez esta “ira para dentro” esteja ainda longe de ser problematizada dentro dos seus próprios termos, algo que de alguma maneira implica em si mesmo em riscos – especialmente no campo da possibilidade de subjetivação – pois o engajamento hoje, não pode ser ignorado frente as ferramentas que possuímos nestas novas constituições da tessitura ideológica que permeia nossos tempos. Quando Žižek (2009), expõe sua crítica ao marxismo apresentando a diferença em jogo entre o mais-valia e o mais-gozar, sabemos da implicação e dos riscos em escolhermos posicionamentos que ignoram este caráter. Em suas próprias palavras:

“O Marxismo, portanto, não conseguiu levar em conta ou chegar a um acordo com o objeto-a-mais, com o resto do Real que escapa à simbolização – fato que é ainda mais surpreendente ao lembrarmos que Lacan pautou sua noção do mais-gozar na idéia marxista de mais-valia. A prova de que a mais-valia marxista efetivamente anuncia a lógica do *objeto pequeno a* lacaniano, como encarnação do mais-gozar, já é fornecida pela fórmula decisiva que Marx utilizou, no terceiro volume de *O Capital*, para designar o limite lógico-histórico do capitalismo: ‘o limite do capital é o próprio capital, isto é, o modo de produção capitalista’ (ŽIŽEK, 2013, p.112-13).

Desta maneira, se mostra vital a compreensão de que muitas das leituras feitas hoje pelo sujeito tem em jogo uma monstruosa relação libidinal e infelizmente, muito pouco política e o que na verdade surge como caráter privilegiado para a ordenação deste tipo de “aposta do sujeito” é oriundo da tranqüilidade com o que o caráter identificatório produz sobre o sujeito, que lhe acalenta o apresento com este mais do mesmo e afastando a alteridade. E novamente, o grande problema do

fantasma protototalitário, reside justamente nesta construção, do temor à Alteridade e a possibilidade da não implicação com que os sujeitos têm em suas ações políticas no cenário ideológico cínico. O que então se torna novamente o movimento sintomático da repetição das formações de lados em qualquer dinâmica grupal, onde o narcisismo das pequenas diferenças (Freud, 2001) impera e novamente, apagando a singularidade em jogo e toda a radical Alteridade. Não por menos, a construção prescrita por Žižek segue de tal forma sua explanação:

“A mesma configuração se repete na “fidelidade” de Derrida ao espírito do marxismo: “O desconstrucionismo nunca teve sentido ou interesse, ao menos a meu ver, exceto como radicalização, o que equivale a dizer *na tradição* de certo marxismo, em certo *espírito do marxismo*. A primeira coisa que devemos notar aqui (da qual Derrida sem dúvida tem consciência) é que essa “radicalização” se baseia na oposição tradicional entre Letra e Espírito: reafirmar o espírito autêntico da tradição marxista significa deixar para trás sua letra (a análise particular de Marx e suas propostas de medidas revolucionárias, que foram irredutivelmente manchadas pela tradição da ontologia) para salvar das cinzas a autêntica promessa messiânica da libertação emancipatória. O que não podemos deixar de notar é a estranha proximidade entre tal “radicalização” e (certa compreensão comum da supressão (Aufhebung) hegeliana: na promessa messiânica, a herança marxista é “suprassumida” – ou seja, seu núcleo essencial é resgatado por meio do próprio gesto de superar/renunciar à sua forma histórica particular. E – eis o cerne da questão, ou seja, do método de Derrida – o importante não é simplesmente que a formulação particular de Marx e as medidas propostas por ele tenham de ser abandonadas, substituídas por outras fórmulas e medidas mais apropriadas; a questão é, antes, que a promessa messiânica que constitui o “espírito” do marxismo é traída por *qualquer* formulação particular, por *qualquer* tradução em medidas político-econômicas determinadas... Em outras palavras, a “radicalização” de Derrida significa, de certo modo (ou, mais precisamente, de modo *prático*), seu exato oposto: a renúncia de qualquer medida política radical efetiva...” “Se a ética sem política é vazia, a política sem ética é cega”. Por mais elegante que seja esta solução (aqui a ética é condição de possibilidade e condição de impossibilidade da política: ela simultaneamente abre espaço para a decisão política como ato sem garantia no grande Outro e a condena a seu fracasso supremo), ela deve ser contraposta ao ato no sentido lacaniano, em que precisamente a distancia entre o ético e o político *colapsa* (ŽIŽEK, 2013, p.109-10).

Desta maneira, se torna patente examinarmos a importância com que estes ditos fantasmas na verdade também atendem a uma espécie de acomodação ideológica que é assustadora dentro da própria esquerda. Que o pressuposto em jogo para uma possibilidade de subjetivação diferente, tem relação direta com novo pressuposto da construção ética de possibilidade e da sua potencia frente a um re-significação do passado ou uma espécie de retificação subjetiva partidária, que algum modo possa passar a produzir efeitos não sintomáticos diante deste assustador fantasma que hoje impede



até mesmo da problematização de militantes acerca de questões banais – como a importância de contabilizar coisas... E mais claro, é o fato de que a não implicação diante deste fantasma, pode gerar riscos ainda maiores e que o preço a ser pago é o do esvaziamento da própria esquerda, que perderá completamente sua possibilidade de radicalidade política e conseqüentemente, seus potenciais emancipatórios – sendo assim, não por menos, o resgate central de muitos autores contemporâneos da esquerda pressupõe a necessidade do ato sob uma nova roupagem.

Uma possível conseqüência desta mesma definição é que, devemos considerar hegelianamente este ato, melhor dizendo, uma mudança radical enquanto sendo propriamente auto-reflexiva. Ou então, as próprias noções dos critérios que se fazem necessários para examinar a mudança, apenas se fazem possível através das próprias coordenadas e dos novos critérios que são estabelecidas frente esta nova transformação. Desta maneira, a implicação deste movimento, apontará Žižek (2007) que a noção do Entendimento sob a roupagem hegeliana, aponta que o possível despedaçamento da não completa apreensão da complexidade da realidade, reside não sua incapacidade – mas pelo contrário, a sua maior força. Sendo assim, reside neste mesmo ato ético, o extravazamento do existente em nome daquilo dará lugar, mas que exigirá por outro lado o trabalho para se fazer ser compreendido.

Esta implicação auto-reflexiva no sentido hegeliano e em sua radicalidade, nos convida para compreender que os mesmos fantasmas do passado ao longo da construção da esquerda, hoje se entrelaçam àquilo que existe e não-existe na tessitura da composição ideológica da realidade. Entretanto, no ato ético em seu sentido lacaniano, reside uma possível aposta de conseqüência implicada que permitirá a extração mais radical de uma subjetivação dentro do campo político.

E não é por menos, que quando pensamos no paradigma da construção social, dentro da contribuição do tripé badiouiano do saber-verdade-real, o que podemos deduzir de certo modo, é que uma possibilidade do novo ao apresentar-se enquanto tal, poderá de certo modo, advir como o gesto de Antígona o fez, expandir as próprias barreiras daquilo que está estabelecido e apresentado enquanto tal, em nome daquilo que diz da implicação do ético, daquilo que é legítimo para então além das amarradas da dominação e da operação vigente daquilo que é dado.

De certo modo, a mesma operação também poderia caber para o exame das implicações levantadas acerca do Fetichismo (Marx, 2004) e de como podemos implicar esta leitura, tomando as barreiras máximas da radicalidade do ato ético em seu sentido lacaniano e assim, evidenciar a implicação do atravessamento em nome do desejo e como esta postura, de um modo extremamente articulado poderá guiar ao terceiro predicamento badiouiano, presente em sua obra *A Idéia do Comunismo* onde encontramos:

“O que importa é a sua existência e os termos de sua formulação. Em primeiro lugar, dar uma sólida existência subjetiva à hipótese comunista. Essa é a tarefa que nossa assembléia de hoje cumpre à sua maneira. E, eu quero dizer, é uma tarefa exaltante. Combinando as construções do pensamento, que são globais e universais, e as experimentações de fragmentos de verdades, que são locais e singulares, mas universalmente transmissíveis, podemos garantir a nova existência da hipótese comunista, ou melhor, da Idéia comunista, nas consciências individuais. Podemos inaugurar o terceiro período de existência dessa Idéia. Nós podemos, logo devemos” (BADIOU, 2010, p. 83).

Melhor dizendo, está justamente nesta espécie de risco em nome do desejo da implicação, que leva à radicalidade da consequência o gesto ético e assim, implicando na própria contradição da tessitura ideológica que rege os edifícios hoje estabelecidos. Algo que podemos então arriscar em pensar se o ato ético, poderia então suspender a operação ideológica, como podemos compreender aqui na leitura de Žižek (2009) sobre o “fetiche da mercadoria” e é apreciado aqui em dois tempos diferentes:

1. Num primeiro tempo, o fetiche da mercadoria é a definição de “uma relação social definida entre os homens, que assume aos olhos deles a forma fantasiosa de uma relação entre coisas” (MARX apud ŽIŽEK, 2010), porém ao passo em que a articulação do valor passa a assumir a forma “natural” de outra “coisa-mercadoria”, o dinheiro e como isto, é o que permitirá dizer o valor de algo sob um volume equivalente de dinheiro (Žižek, 2009). Mas o segundo tempo do fetichismo, segundo Žižek, se passa em uma outra montagem, como podemos ver na passagem:

“... o aspecto essencial do fetichismo da mercadoria não consiste na famosa substituição dos homens por coisas (“uma relação entre homens assume a forma de uma relação entre coisas”), mas, antes, num certo desconhecimento da relação entre uma rede estruturada e um de seus elementos. Aspecto este que aparece como uma propriedade até mesmo fora de sua relação com outros elementos. Aquilo que é realmente um efeito estrutural, um efeito da rede de relações entre os elementos, aparece como uma propriedade imediata de um dos elementos, como se essa propriedade também lhe pertencesse fora de sua relação com outros elementos” (ŽIŽEK, 2009, p.308).

2. Ressalvado pelo autor que aspecto funciona em um “desconhecimento” que tacitamente, poderá ser localizado tanto na “relação entre coisas” quanto numa “relação entre homens” (ŽIŽEK, 2009). E, que tanto para Žižek, quanto para Marx, se explicita na expressão de valor, que possui como traço fundamental que:

“uma mercadoria A, só pode expressar sua valor em referência a uma outra mercadoria, B, que assim se torna seu equivalente: na relação de valor, a forma natural da mercadoria B (seu valor de uso, suas propriedades empíricas positivas) funciona como uma forma de valor da mercadoria A; em outras palavras, o corpo de B transforma-se, para A, no espelho de seu valor” (ŽIŽEK, 2009, p.308).

Porém, mais do que este âmbito que remonta ao funcionamento com que uma mercadoria pode se estabelecer frente a outra neste espelhamento (ŽIŽEK, 2009) e como há, uma percepção fundamental na localização de Marx, que dirá também como há um processo humano de formação identidade extremamente semelhante - ao ponto de Žižek dizer que Marx, chega a “antecipar” de certa forma, a teoria de estágio de espelho (LACAN, 2004) de Jacques Lacan. Que por sua vez, nesta tese, coloca a importância com que o eu [moi] para conseguir se estabelecer enquanto uma auto-unidade, precisa de um outro que lhe ofereça uma imagem de sua unidade e que o faz, por meio da promoção de um espelhamento de outro ser humano. Vemos que o âmbito desta discussão, permite uma compreensão extremamente significativa da constituição humana e mais além, Žižek nos mostra que Marx encontra mais outra virada nesta homologia, onde:

“...outra mercadoria, B, só é um equivalente na medida em que A se relaciona com ela como sendo a forma-da-aparência de seu próprio valor, somente dentro dessa relação – e nisso reside o efeito de inversão que é característico do fetichismo –, a aparência é exatamente oposta: A parece relacionar-se com B como se, para B, ser um equivalente de A não correspondesse a ser uma “determinação reflexa” (Marx) de A – ou seja, como se B *já fosse, em si mesmo*, equivalente a A; a propriedade de “ser equivalente” parece pertencer-lhe até mesmo fora de sua relação com A, no mesmo nível de suas outras propriedades efetivas “naturais” que constituem seu valor de uso” (ŽIŽEK, 2009, p. 309).

E sendo assim,

Se “Para detectar as famosas distorções ideológicas, é preciso perceber não só o que é dito e o que não é dito: o não dito está implícito no que é dito” (ŽIŽEK, 2012, p.46).

Tentamos aqui absorver a conseqüência daquilo que está presente nesta articulação ou então, aquilo que justamente subscreve a própria tarefa do CEII, naquilo que está em seu exercício dialético do seu potencial em termos de problematização e investigação frente ao ideológico ou diante daquilo que é vital em busca das Idéias em sua radicalidade crítica. No próprio centro da problematização destas mesmas questões, encontramos uma possibilidade dentro das práticas e da importância das práticas dentro dos desenvolvimentos do Círculo, uma noção da importância da dimensão do campo da ética, dentro desta roupagem que radicalmente, nos permite a construção para além das barreiras dadas, seja pela problematização da ideologia e assim, pela guerra que se estabelece diante do fetichismo ou então, pela urgência da investigação da Idéia em seu sentido badiouiano, tentando extrair a radicalidade do ato ético, que em sua própria construção diante de um Entendimento - o obrigando à desmontar de sua própria auto-reflexividade em termos hegelianos para que assim, se faça válido para conseguir testemunhar o Novo e fazer valer assim, a legitimidade do novo paradigma que se estabelece para aqueles que, de maneira militante se fazem sujeitos.

## Referencial Bibliográfico:

- ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. in Coleção Os Pensadores. São Paulo, Editora Abril.1973.
- BADIOU, Alain. *Clamor of Being: On Deleuze*. Minnessota. The university of minnessota Press, 1990.
- BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo. Boitempo, 2010.
- BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Não há relação sexual – Duas lições sobre “O aturrito” de Lacan*. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2013.
- CLARK, Thimoty James. *Por uma esquerda sem futuro*. São Paulo, Editora 34, 2013.
- FREUD, Sigmund. *Mal-Estar na civilização in Obras Completas*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 2001.
- HEGEL, Georg. *Fenomenologia do Espírito*. São Paulo, Editora Vozes, 2006.
- KANT, Immanuel. *O que são as luzes?* Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2004.
- LACAN, Jacques. *O estádio de espelho como fundador da função de eu em Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- LOSURDO, Domenico. *Fuga da História? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 2004.
- MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2006.
- MARX, Karl. *Sobre a questão Judaica*. São Paulo, Editora Boitempo, 2010.
- PLATÃO. *Os Sofistas*, in Os pensadores. São Paulo, Editora Abril.1987
- ŽIŽEK, Slavoj. *Alguém disse totalitarismo?* São Paulo, Editora Boitempo, 2013.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Como Marx inventou o sintoma?* São Paulo, Editora Boitempo, 2009.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Ideology I: No man is an island in Lacan.com*, 2007. (<http://www.lacan.com/zizwhiteriot.html>)
- ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan?* Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2012.
- ŽIŽEK, Slavoj. *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2012.